



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Adolescência.

## ADOLESCER PARA O MUNDO: PROMOÇÃO DO AUTOCUIDADO E DESENVOLVIMENTO DE CIDADANIA

Adriana Alves da Silva<sup>1</sup>

Myrla Alves de Oliveira<sup>2</sup>

Maria Raniely de Sousa<sup>3</sup>

Patricia Barbosa dos Santos<sup>4</sup>

Luan Lopes<sup>5</sup>

Leidiane Ferreira da Silva<sup>6</sup>

Lais Layanne Cardoso Pinheiro<sup>7</sup>

Jaqueline Silva Marques<sup>8</sup>

Lara Moreira Gilo<sup>9</sup>

**Resumo:** Apresentamos, neste texto, a experiência desenvolvida no projeto de extensão “Adolescer para o mundo: promoção do autocuidado e desenvolvimento de cidadania”, financiado com recursos do PAPEX e desenvolvido com adolescentes do município de Iguatu - Ceará, por meio de oficinas pautadas no fortalecimento da capacidade crítica-reflexiva para tomada de decisões conscientes e exercício de cidadania.

**Palavras-chaves:** Adolescência; Autocuidado; Cidadania.

**Abstract:** We present in this text the experience developed in the extension project "Adolescent for the world: promoting self - care and citizenship development", funded with PAPEX resources and developed with adolescents from the city of Iguatu - Ceará, through workshops focused on capacity building critical-reflexivity for conscious decision-making and citizenship exercise.

**Keywords:** Adolescence, Self-care, Citizenship.

### 1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano de importância fundamental, pois é nessa fase que o adolescente sofre transformações biológicas e subjetivas, com forte influência de fatores socioculturais e ambientais. Em virtude da

---

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>2</sup> Profissional de outras áreas, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>5</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>6</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>7</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>8</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

<sup>9</sup> Estudante de Graduação, IFCE, Campus Iguatu, E-mail: [adrianaalves@ifce.edu.br](mailto:adrianaalves@ifce.edu.br).

autonomia que vão ganhando, dos pais e responsáveis, da curiosidade de quem está descobrindo o mundo e, ainda, influenciados pelos elementos que compõem o meio em que vivem, como os veículos de comunicação de massa, a indústria do entretenimento e as instituições comunitárias e religiosas, os adolescentes muitas vezes são impelidos, pela curiosidade eminente da faixa etária, a experimentar tudo o que se apresenta como novo, tornando-se suscetíveis a diversos riscos.

Assim, se, por um lado, os adolescentes se interessam pela exploração do mundo, reivindicando uma relativa independência, por outro, é igualmente forte e autêntica a necessidade de proteção, orientação e educação, fatores que nem sempre fazem parte da vida do adolescente, por vários motivos, dentre os quais, a inexperiência e a falta de tempo dos pais e a inexistência de espaços de discussão na escola.

A desinformação tem contribuído de sobremaneira para grandes impactos na vida dos adolescentes, tendo, por exemplo, a gravidez não planejada e indesejada, uso prejudicial de substâncias psicoativas, exposição a infecções sexualmente transmissíveis, etc., situações que podem revelar-se em um grave problema para a saúde, provocando a necessidade de redimensionar as várias dimensões da vida desse adolescente.

A ausência adequada de informação, que oriente os adolescentes sobre as implicações negativas nos diversos aspectos da vida, requer uma transformação profunda da sociabilidade em que estão inseridos. A reação do adolescente frente aos processos socialmente construídos e identificados nessa fase, não pode ser relativizado. Se, por um lado, o comportamento social e a própria personalidade do jovem são afetados por estas modificações, em contrapartida, a avaliação que o adolescente faz de si mesmo é influenciada por outros fatores, provenientes de relações familiares, de sucessos e fracassos, da rotina do cotidiano (realidade social concreta), entre outros elementos que exercem e influenciam o comportamento desses (CUNHA, 2004).

Quando o adolescente possui conhecimento adequado sobre as mudanças que irão se apresentar sobre o seu corpo e seu modo de vida, há uma maior valoração das informações quando essas chegam e, possivelmente, a adoção de hábitos mais saudáveis, proporcionando, assim, um melhor desenvolvimento biopsicossocial. O conhecimento, também, sobre seus direitos, o entendimento sobre a responsabilidade e cuidado com a saúde, aumentam significativamente esse desenvolvimento, contribuindo para o fortalecimento das relações sociais, enquanto sujeitos inseridos em sociedade, levando-os a refletirem princípios e valores que os fazem sujeitos de direitos.

Nessa perspectiva, um dos grandes desafios da escola, da família e da comunidade, se reporta ao acompanhamento e cuidado dos adolescentes, para que possam aprender a refletir, de forma crítica, o mundo do qual fazem parte e, intervir nele, com conhecimento e

autonomia. Foi nesse sentido que o projeto 'Adolescer para o mundo: promoção do autocuidado e desenvolvimento de cidadania' foi construído, ou seja, pela necessidade de orientação, cuidado, acompanhamento e apoio através do subsídio de conhecimentos transversais, que permeiam a discussão sobre adolescência, contribuindo para que valores fossem formados e firmados, para uma boa qualidade de vida e vivência da cidadania.

O projeto foi custeado pela Pró-reitoria de Pesquisa e Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), por meio do Edital 01/2018 do PAPEX, contando com apoio de oito estudantes do Curso de Bacharelado em Serviço Social, do IFCE - *Campus* Iguatu, e com a parceria da Secretaria de Educação do Município de Iguatu, sendo desenvolvido com trinta e três discentes das escolas da zona rural e urbana do ensino fundamental II de Iguatu – CE.

## **2. ADOLESCÊNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: DESCONSTRUINDO CONCEITOS**

A adolescência é compreendida como uma etapa do desenvolvimento humano, estabelecida entre a infância e a fase adulta e marcada por diversas transformações biopsicossociais. Não se pode definir com exatidão o início e fim da adolescência, porém, na maioria dos indivíduos, ocorre entre os 10 e 24 anos de idade. É na perspectiva de enfatizar essa fase da vida, que instituições internacionais buscam organizar e determinar um período para a maior compreensão desse contexto vivido por todos, mas vivenciado de forma diferente, a depender do contexto histórico e social em que está inserido o adolescente. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1996) vem delimitar a adolescência entre 10 e 19 anos, 11 meses e 29 dias de idade. Em intersecção com essa idade, o período situado entre 15 e 24 anos é denominado como juventude (BRASIL, 2006, p.3).

No Brasil, a legislação através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera adolescente aquele que está na faixa etária entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990). Já o Conselho Nacional de Juventude, adota a faixa etária entre 15 e 29 anos para juventude, nessa, considerando, entre 15 e 17 anos, os adolescentes jovens; entre 18 e 24 anos os jovens – jovens, e, entre os 25 e 29 anos, os jovens adultos (BRASIL, 2005).

Vários são os estudos que buscam definir e conceituar a adolescência, são análises que percorrem os mais variados métodos epistemológicos, com finalidade de tentar apreender a complexidade deste conceito e suas características de transformações físicas, biológicas, psíquicas e sociais. Oliveira e Fulgêncio (2010) reiteram que diversas perspectivas teóricas podem abordar a adolescência ou um determinado problema ou aspecto vivenciado neste período.

Em referência aos pesquisadores que analisam a adolescência como parte inerente da natureza humana, tem destaque, na América Latina, os estudos em A. Aberastury e M. Knobel. Essas autoras, ao buscarem um sentido para a adolescência, estabeleceram características psicológicas comuns à fase, conferindo ênfase à reestruturação de uma nova identidade. Dentre os muitos estudos das autoras citadas, grande relevo reporta-se a Knobel, que apresentou uma tese denominada “Síndrome da Adolescência Normal”, na qual descreve que a evolução psíquica, que se processa nessa faixa etária, é constituída de um conjunto de itens apresentados pelos adolescentes durante o processo em questão, considerados normais e característicos da fase (KNOBEL *apud* MG, 2006).

Para Aberastury e Knobel (1989, p. 29) são itens que compõem a referida Síndrome da Adolescência Normal:

- 01) busca de si mesmo e da identidade;
- 02) tendência grupal;
- 03) necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- 04) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente, até o misticismo mais fervoroso;
- 05) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário;
- 06) evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta;
- 07) atitude social reivindicatória, com tendências anti ou associas, de diversa intensidade;
- 08) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida;
- 09) uma separação progressiva dos pais; e
- 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

A análise feita pelas autoras considera essa fase do processo de desenvolvimento como intrínseco à natureza humana e, portanto, natural. Porém, essa ideia vai divergir da visão teórica das Ciências Sociais, que entendem a “existência humana como categoria histórico-social” (PERES; ROSENBURG, 1998, p. 55). Logo, apoiado à luz do materialismo histórico e dialético, a ideia de homem - enquanto ser social – é fundado pelo trabalho ontológico e criado nas e pelas relações sociais, reiterando modos de ser e existir, com suas contradições e discontinuidades. Assim, a adolescência não pode ser concebida como natural, ou como um processo vivenciado da mesma forma por todas as pessoas, independente do contexto sócio histórico.

Auxiliando-nos nessa compreensão Peres e Rosenbug (1998, p.55) sintetizam a adolescência como experiência humana e, como tal, parte de um processo contraditório, que não tem um sentido único, não é homogêneo, nem tampouco linear e, muito menos, com um único significado, uma vez que é dependente das condições materiais/objetivas e subjetivas de existência de sujeitos reais.

Do exposto, percebe-se que existe dificuldade para debater esse conceito nas mais diversas vertentes. Esta complexidade na construção de pesquisas científicas decorre pelo fato desse conceito ser algo contemporâneo, no qual Cavalcanti (1988) vem explicitar que:

Olhando para o passado se evidencia, com surpresa, que há pouco mais de 300 anos, ninguém fazia a menor menção ao período de vida que hoje chamamos adolescência. [...] Nesse sentido, enquanto que a sócio-gênese da infância está ligada à história da burguesia, a sócio-gênese da adolescência é, em termos históricos, um acontecimento relativamente recente. [...] Se a infância nasceu com a burguesia, a adolescência foi gerada no bojo da revolução industrial (CAVACANTI, 1988, p. 09-10 *apud* PERES; ROSENBURG, 1998, p. 06).

Bock (2007) situa, igualmente, o período de emergência da adolescência vinculado à Revolução Industrial:

A sociedade moderna, com suas revoluções industriais, gerou grandes modificações nas formas de vida. Com as revoluções industriais, o trabalho se sofisticou, do ponto de vista tecnológico e passou a exigir um tempo prolongado de formação, adquirida na escola, reunindo em um mesmo espaço os jovens e afastando-os do trabalho por algum tempo. [...] A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico (p. 68).

Assim, podemos observar que, por esse debate ser algo recente e alvo de intervenções, em maior abrangência, a adolescência é tratada de forma a-história, desvinculada do processo dialético indivíduo-sociedade e fora das relações sociais que é constitutivo do homem.

Outra característica que torna complexo esse debate, é o uso impreciso dos termos adolescência e adolescente<sup>10</sup>, no qual muitos teóricos utilizam aspectos comportamentais, físicos e psíquicos de alguns grupos e adotam como algo universal ao conceito de adolescência, postergando as particularidades e singularidades desses sujeitos, nos determinantes históricos, econômicos e sociais. Assim, “tende-se a reduzir a compreensão da adolescência ao que se observa em determinados adolescentes, generalizando o observado em seres particulares, singulares, ao universo dos adolescentes e, desses, à concepção de adolescência” (PERES; ROSENBURG, 1998, p. 55).

Retornando ao que Aberastury e Knobel apontaram como Síndrome da Adolescência Normal, nota-se como as autoras tratam a adolescência - pelo viés biomédico - como algo patológico e, ao mesmo tempo, normal, o que provoca a ideia de contradição. Percebe-se, a partir dessa colocação, que a visão biomédica desse conceito desconsidera o sujeito diante de todas as determinantes em que está inserido e tenta imaginar – generalizando o

---

<sup>10</sup> [...] o primeiro remete ao processo de desenvolvimento humano, enquanto o outro se refere ao sujeito que vivencia essa fase do processo (PERES; ROSENBURG, 1998, p. 61).

conceito, a partir da vivência de alguns grupos – sujeitos dentro de uma dimensão ideal<sup>11</sup>, que é moldado para funcionar dentro de uma sociedade também pensada fora da dimensão concreta.

É nesse ponto de vista que Peres e Rosenberg (1998) vêm discordar dessa Síndrome da Adolescência Normal apontando que:

Essa forma de entendimento parte de um pressuposto que dissocia o indivíduo e sociedade; ao mesmo tempo, parte da noção de natureza adolescente que, por seu processo evolutivo uno, único, traz implícita a ideia contraditória de uma pureza imanente e, ao mesmo tempo, a de uma natureza corruptível do sujeito (adolescente). Este, ao tomar contato com o mundo adulto (sociedade), sob forma de convívio social (segundo o autor) - e esse mundo adulto (que representa uma outra geração), sob cuja responsabilidade está o estabelecimento/reprodução de normas de conduta - entraria em crise (conflito de gerações), podendo resultar em patologização de condutas/sujeitos (PERES; ROSENBERG, 1998, p. 74).

Dessa forma, é perceptível que não se pode tratar a adolescência apenas pelo lado biomédico ou da psicossociologia, tampouco analisar somente o lado histórico-social, haja vista as transformações físicas, biológicas e psicológicas nesses sujeitos, mas compreender que essas não são a-históricas e que os elementos sociais/culturais, econômicos, políticos e religiosos, são significativos para estabelecer o que é adolescência e quem são os adolescentes, especialmente, nas sociedades modernas.

Com isso, as mudanças físicas significativas também influenciam, de alguma forma, no comportamento dos adolescentes, podendo variar rapidamente em relação ao humor e comportamento. Agressividade, mudança de humor, indecisão e sentimento de incompreensão são comuns em alguns sujeitos nessa fase. Esse período apresenta, de forma mais atenuante, os conflitos do adolescente consigo, suas dificuldades, medos, fantasias, inseguranças; é o período no qual começa uma série de questionamentos afetivo e sexual. São mais dúvidas do que respostas.

Os assuntos que envolvem o mundo dos adolescentes são diversos, desde social, relacional, sexual, dependência, fantasias, mitos e desinformação. O que pode parecer um conflito ou problemática pequena para quem ouve, não é a mesma coisa para quem está vivenciando a situação. A informação e a orientação são importantes para o acompanhamento desses jovens, devendo, o interlocutor, ouvir o que está sendo dito sem

---

<sup>11</sup> Por conceber a forma ideal do adolescente em uma sociedade entendida como um sistema de engrenagens em que todos devem se encaixar para funcionar em ordem, quando se observa os sujeitos concretos em uma realidade concreta de contradições, patologizam os indivíduos que transgridem as normas impostas. Esse é o caso dos adolescentes, onde se aplicam a estes a ideia de crise imanente à fase da vida, logo "a "crise" serve, assim, para opor uma ordem ideal a uma desordem real, na qual a norma ou a lei é contrariada pelo acontecimento (portanto, a-historicidade), este encarado como um engano, um acidente, ou algo inadequado, ou seja, como um "desvio" (PERES; ROSENBERG, p. 72, 1998).

julgamentos. Assim, aproximar-se da realidade dos adolescentes, de seus conflitos e vivências, pode ajudá-los nessa fase da vida.

### **3. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO DO PROJETO**

O projeto de extensão “Adolescer para o mundo: promoção do autocuidado e desenvolvimento de cidadania” foi selecionado pelo edital 01/2018 PAPEX – IFCE, recebendo recursos para bolsistas de extensão. O projeto teve início em agosto de 2018, a partir da parceria com a Secretaria de Educação do Município de Iguatu – Ceará, realizado por meio de oficinas de trabalho e embasado no diálogo acerca das experiências vivenciadas.

O projeto se desenvolveu por meio de oficinas, em número de oito, para um grupo de, aproximadamente, trinta e três estudantes, sendo três por cada escola de Ensino Fundamental II, da zona urbana e rural do município de Iguatu, tendo, como critério de inclusão desse adolescente no projeto, que fosse membro do grêmio estudantil da escola. Os facilitadores foram acadêmicos do curso de graduação em Serviço Social, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE *Campus* Iguatu, em número de oito, sendo três selecionados como bolsistas de extensão PAPEX e, cinco, voluntários de extensão, que desenvolveram atividades durante seis meses, com doze horas semanais divididas entre o desenvolvimento das oficinas, reuniões de planejamento, avaliação e estudo sobre aspectos relacionados à temática.

Para desenvolvimento do projeto, foi firmada parceria com a Secretaria de Educação, a qual se responsabilizou pelo transporte e contato inicial com as escolas e indicação dos estudantes. O IFCE – *Campus* Iguatu responsabilizou-se pela realização das oficinas e toda a logística inerente.

A abordagem com os adolescentes nas oficinas partiu do desenvolvimento de atividades lúdicas e criação de um espaço, no qual se pode debater assuntos de saúde e cidadania que mais diziam respeito à adolescência.

As oficinas foram organizadas para atender ao grupo e às condições de sua realização, a cada quinze dias, na Unidade Areias do *Campus* Iguatu, pela manhã, com duração de 4hs e intervalo para lanche. Durante as oito oficinas, foram tratados os seguintes temas: Integração do grupo; Quem sou eu?; Valores pessoais e familiares; Bullying; Valores e respeito na escola; Substâncias psicoativas; Sexo, sexualidade e a discussão da identidade de gênero.

O desenvolvimento do projeto contou com acompanhamento de um docente, Assistente Social e uma Psicóloga, subsidiando os acadêmicos nos aspectos sociais e subjetivos que poderiam intervir na adolescência e emergirem nas oficinas.

O formato das oficinas seguiu a relação ação-reflexão-ação, com momentos de acolhimento, atividade central – desenvolvida por meio de diferentes estratégias educacionais – e avaliação do encontro.

#### 4. APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS

O projeto “Adolescer para o mundo: promoção do autocuidado e desenvolvimento de cidadania” referenciou-se, desde a sua concepção à realização das atividades, no pressuposto de que, os adolescentes podem tomar melhores decisões, se tiverem suficiente informação sobre suas possibilidades e conhecimento dos recursos disponíveis, entendendo a si e a realidade social em que vivem.

Com essa referência, as oficinas de trabalho tiveram como foco a realização de atividades lúdicas, permeadas de diálogo e escuta do outro, tomando, como ponto de partida do processo pedagógico, o saber anterior e de senso comum dos adolescentes, resultante de suas experiências e vivências de situações concretas, que possibilitassem a troca e a construção de conhecimento entre o saber técnico e o saber popular. Assim, foram realizadas seis oficinas, dentre as quais apresentaremos a seguir, de maneira sucinta, sua dinâmica.

A primeira oficina teve como temática **Integração, autoconhecimento e comunicação** e objetivou a apresentação do projeto e de seus membros. Nesse momento, foi mostrado aos presentes a dinâmica do projeto, sua metodologia e como seriam os encontros, e, ao mesmo tempo, visou a interação entre os participantes, para que, aos poucos, fossem se familiarizando uns com os outros e com os próprios extensionistas.

De modo geral, a oficina foi planejada da seguinte forma: apresentação do projeto e de seus membros, e funcionamento geral da oficina; apresentação dos estudantes, por meio de dinâmica de apresentação em dupla, e dinâmica com balões, momento em que cada participante recebeu um balão com uma pergunta dentro, a qual deveria ser respondida quando a música parasse de tocar.

Posteriormente, foi realizada a construção do contrato de convivência. Para tanto, a turma dividiu-se em grupos e cada um definiria palavras e valores que deveriam nortear os encontros. Foram disponibilizadas targetas com palavras previamente prontas e deveriam escolher as que melhor se adequassem. Ao final, cada grupo deveria, ainda, elaborar uma nova regra e expô-la aos presentes. A atividade seguiu com a dinâmica “escolha bem as



palavras”, durante a qual os estudantes tinham 10 minutos para escreverem frases que ouviram ao longo da vida, que, porventura, não gostaram, e socializar para os presentes. Ainda, foram trazidas diversas frases com teor racista, homofóbico, estereótipos, preconceito territorial, sendo discutidas as consequências que isso possuem para sua vida e a dos demais. Por último, foi realizada a avaliação dos estudantes em relação à oficina, onde alguns se posicionaram e ressaltaram a importância de espaços como esse e de tais temáticas em suas vidas.

A segunda oficina denominada **Valores e respeito na Escola** teve por objetivo a discussão e reflexão sobre os valores e como esses se fazem presentes em nossas vidas, no meio familiar e no contexto escolar.

A oficina estruturou-se em quatro momentos. Primeiramente, a acolhida, momento em que se realizou a atividade denominada “círculo de integração”, na qual os estudantes formaram um círculo e tentaram invertê-lo, sem soltar as mãos, objetivando o trabalho coletivo. Em seguida, foi feita a exposição e reflexão de um pequeno texto sobre valores, denominado “valores na mala”, cujo objetivo foi propiciar a reflexão do processo de construção e desconstrução de valores que fazemos ao longo de nossas vidas.

Posteriormente, foi entregue um papel para anotarem valores que carregavam consigo e quais eles percebiam na escola, visando direcionar o momento para as principais problemáticas vivenciadas pelos mesmos no ambiente escolar, entre as quais, violência e bullying. Nesse momento, foi exposto pelos extensionistas a diferença entre bullying e violência, os diversos tipos de violência e as possíveis consequências para a vítima e para o agressor. Ainda dentro dessa discussão, os estudantes foram em 04 grupos, onde cada grupo tinha uma situação-problema, ligada ao bullying e à violência escolar, para solucionar. Por último, aconteceu a avaliação da oficina, que foi realizada por meio de um instrumental.

A temática da terceira oficina foi **Substâncias Psicoativas**. No primeiro momento foi realizada uma acolhida aos estudantes; no segundo, a exposição sobre “drogas lícitas e ilícitas”, abordando seus conceitos, características e efeitos no organismo. Na discussão, o tema seguiu por meio da realização de um jogo de tabuleiro, intitulado “Ludo: trilha das substâncias psicoativas”. O jogo era composto por casas de informações, perguntas e desafios. Também tinham casas de sorte e de azar, para deixá-lo mais interativo. Os estudantes foram divididos em equipes as quais jogavam o dado e percorriam o tabuleiro, a depender do número definido pelo dado. Por fim se realizou a avaliação escrita da oficina, onde os estudantes puderam fazer seus comentários e sugestões.

A quarta oficina teve o tema **Sexualidade na Adolescência** e, como primeira atividade, foi realizada a “Acolhida do Bom Dia”; em seguida, realizou-se a discussão de Masculino e Feminino, sendo os estudantes divididos em dois grupos, entre homens e

mulheres. Os grupos deveriam elencar “o que pode e não pode” ser feito na sociedade pelos homens e pelas mulheres; após, abriu-se uma discussão em grupo, a qual envolveu o papel da mulher na sociedade, a influência da mídia nas relações e a desmistificação de mitos relacionados à vivência de uma sexualidade saudável.

A atividade seguinte, intitulada “Concordo, Discordo, Tenho Dúvida”, foi elaborada em forma de afirmativas, as quais podemos citar, como exemplos: Sexo e sexualidade são as mesmas coisas; A mulher tem menos desejo sexual do que o homem; A sexualidade está presente apenas na vida adulta, etc. Na sequência, os estudantes, após a leitura das afirmativas, se posicionavam a respeito e, em seguida, as debatiam, possibilitando, dessa maneira, desconstruir muitos preconceitos e estigmas por parte dos alunos, levando-os a fazerem uma reflexão da temática e desmistificando-a.

A oficina seguiu uma dinâmica utilizando trechos musicais, tendo o objetivo de refletir sobre como algumas músicas reforçam mitos e preconceitos, existentes no meio social, relativos à sexualidade. Por último, houve a avaliação do momento, no qual os estudantes tinham que definir a oficina com uma palavra.

As outras duas oficinas pensadas e planejadas acerca do Movimento Estudantil secundarista, temáticas sugeridas por parte da Secretaria de Educação, justamente pelo público alvo ser estudantes gremistas, não foram exequíveis, pois as escolas estavam envolvidas noutras programações e não tiveram disponibilidade de dispensar os alunos para participar das últimas oficinas do projeto de extensão.

O acompanhamento e a avaliação do projeto foram realizados de duas formas: com a equipe de execução avaliando, semanalmente, após cada oficina realizada, tendo, como princípio, refletir as ações desenvolvidas e balizá-las para continuidade, focando o referencial teórico e os objetivos do projeto. Essa equipe também participou de reunião de avaliação final do projeto, contribuindo na verificação de seus resultados.

A segunda forma de avaliação ocorreu com os escolares ao final de cada oficina produzida, por meio de instrumental ou exposição oral, e teve a finalidade de identificar atividades que não foram satisfatórias, receber sugestões para as oficinas sucessivas e constatar, ainda, o conhecimento adquirido e as mudanças ocorridas no cotidiano dos adolescentes, em virtude da realização do projeto.

As principais potencialidades encontradas na execução do projeto residem justamente por se tratar de algo além da sala de aula, tanto para os extensionistas, como os estudantes, pois possibilitou o estudo de novos temas, aprendizado, conhecimento, diálogo, desconstrução de arraigados conceitos conservadores e discriminantes, habilidade para trabalho em grupo, compartilhamento de ideias e valores.

Dentre as dificuldades encontradas, podemos destacar o deslocamento dos adolescentes até o local de realização das oficinas, em virtude da falta de transporte específico para esse fim e a rotatividade de alguns adolescentes nas oficinas. Esses foram grandes obstáculos para a formação, já que essa deveria ser para um público fixo, do qual poderia se verificar, com mais propriedade, a contribuição das oficinas na vida dos adolescentes.

De um modo geral, considera-se que as oficinas desenvolvidas foram bastante produtivas e efetivas, pois os escolares mostraram-se participativos e abertos à discussão das temáticas, na busca de desenvolver uma reflexão crítica para tomada de decisões conscientes e exercício de seus direitos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreendendo a adolescência como um período de novas descobertas e tomadas de decisões essenciais, que influenciam na formação da personalidade do indivíduo, uma etapa repleta de modificações biológicas e subjetivas, e de caráter histórico-social, são fundamentais ações voltadas para a orientação e repasse de informações relevantes nessa fase da vida, as quais podem contribuir, de algum modo, para o desenvolvimento do indivíduo, tanto no âmbito social, como familiar e comunitário.

Com a realização deste projeto, observamos que o mesmo contribuiu com o desenvolvimento dos acadêmicos, ora no aspecto teórico, através da busca de subsídios para o desenvolvimento do projeto, ora no aspecto vivencial, pela experiência do trabalho com adolescentes. Para os estudantes, o projeto proporcionou um espaço de rica discussão sobre temas com os quais eles convivem no cotidiano. O projeto despertou um elo entre os acadêmicos e os estudantes, numa relação para além das discussões dos temas propostos, oportunizando um espaço de confiança e segurança para exposição de conflitos pessoais e reflexão, que contribuiriam nas decisões cotidianas desses adolescentes.

Em avaliação, concluímos que, o desenvolvimento das oficinas atingiu o objetivo esperado, contribuindo na formação de adolescentes, para que possam praticar o exercício da reflexão e da capacidade argumentativa, na tomada de decisões conscientes e exercício de seus direitos, fomentando a construção de uma sociedade que favoreça a criatividade, a autonomia, o respeito à pluralidade e à diversidade sexual, étnica, racial, cultural, de gênero e de crenças religiosas.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social**: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), Vol. 11, n.1, p. 63-76, Janeiro/Junho 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde integral de adolescentes e jovens**: orientações para a organização de serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2005.

\_\_\_\_\_. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, DOU, 1990 Brasília, 1990.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde/SAS. **Política nacional de atenção integral à saúde dos adolescentes e jovens**. Versão Preliminar. Brasília, 2006.

CUNHA, P.E.C. **O discurso de adolescentes nas academias de ginástica na solução do luto pela morte do corpo infantil**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <http://www.sprint.com.br/Revistas/2005314193820.LUTO.pdf>. Acesso em 20 ago. 2009.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Saúde. **Atenção à saúde do adolescente: saúde em casa**. 1. ed., Belo Horizonte: SAS/MG, 2006, p.152.

OLIVEIRA, Daniella Machado de; FULGENCIO, Leopoldo Pereira. **Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação**. Psicol. rev. - Belo Horizonte, 2010, v. 16, n. 1, p. 67-80, abr.

OMS. **Saúde reprodutiva de adolescentes**. Uma estratégia para ação. Brasília, DF, 1996.

PERES, Fumika; ROSENBERG, Cornélio P. **Desvelando a concepção de adolescência/ adolescente presente no discurso da saúde pública**. Saúde e Sociedade, n. 7, p. 53-86, 1998.